



## Assessoria de Imprensa em saúde?!

Texto: **Catherine Pereira** | 27 dez 2016 - 11:37

A Assessoria de Imprensa (AI) é uma área transversal em diversos âmbitos sectoriais, constituindo uma atividade das Relações Públicas e que tem assumido um papel cada vez mais importante na área da saúde, nomeadamente para a diminuição da “iliteracia em saúde” e que pretende produzir conteúdos capaz de gerar mais informação e conhecimentos aos públicos em geral transmitindo-lhes maior confiança.

Comunicar em saúde nem sempre é fácil. Se por um lado, a AI pretende através de informação positiva informar e dar a conhecer o que de melhor se faz numa Instituição de Saúde, por outro lado somos confrontados com informação menos positiva à qual procuramos responder com comunicações alicerçadas na ética e verdade.

Se também é verdade que a AI tem como objetivo criar fontes de informação para a promoção de políticas de saúde cada vez mais responsáveis tendo como foco principal o utente, também é verdade que a AI está por norma nos “bastidores”, trabalhando como fonte proativa em prol das suas chefias e Instituição.

E é aqui, no trabalho de bastidores com chefias e Instituição, que a AI deve crescer numa relação cada vez mais produtiva, organizada e de confiança.

Contudo, a AI não se esgota na criação de ligações e informações dentro da Instituição, muito pelo contrário, o trabalho de AI só faz sentido se o público externo compreender a informação e essa compreensão só se faz quando o jornalismo nos ajuda nesta educação da “literacia para a saúde”.

Sim, os processos comunicacionais em saúde não começam e acabam na AI, estes só resultam totalmente quando os media nos acompanham na disseminação dos conteúdos informativos, ajudando-nos a “formar” informando.

Se a relação entre AI e Jornalismo nem sempre é perfeita porque cada lado procura defender a sua posição e atividade (o que é normal), por outro lado uma ligação cada vez mais estreita e colaborante podem e devem ajudar o maior interessado: o utente.

Sabemos que as dificuldades de comunicação conhecidas por ambas as atividades fazem sentido e devem ser alteradas: a AI queixa-se da comunicação social, muitas vezes, pouco rigorosa produzida pelos media e por sua vez estes queixam-se da pouca informação que dificulta a produção da notícia.

Se este sentido for alterado, isto é, se houver uma estratégia de comunicação mais definida, agendada e com menos “muros” e mais “pontes”, será possível a produção de informação com o dever de sentido de serviço público, com conteúdos mais fidedignos e responsáveis na disseminação da informação neste sector.

Estas duas atividades são dignas, necessárias, legítimas e se forem desenvolvidas com o compromisso da verdade e ética podem ser um motor de construção para uma saúde cada vez menos “analfabetizada”, com capacidade para tomar decisões mais informadas e conseqüentemente para uma maior eficiência da prestação de cuidados de saúde.

A imagem de que a AI defende apenas os interesses das chefias e Instituição deve ser alterada. A AI deve sim proteger a Instituição à qual deve ser leal, mas deve fazê-lo tendo sempre por base a sua convicção ética, pela transmissão de maior confiança na relação entre Instituição /utente e acreditando que a história tem sempre “dois lados” e que esses lados devem ser bem averiguados e analisados.

A ideia também de que os media só produzem (ou querem produzir) informação negativa (e logo mais mediática) também deve ser alterada. O jornalismo, como em qualquer outra profissão, produz informação diária que nem sempre é positiva mas que muitas vezes necessita ser pública desde que a informação seja pautada pela verdade.

A realidade é muito simples: a informação que a AI produz só tem verdadeiro impacto com a divulgação pelos media e estes só produzirão informação mais completa e credível se os AI poderem divulgar mais factos da informação (evidência que paulatinamente já tem sido alterada).

O ideal será encontrar-se o equilíbrio para que esta relação tenha o resultado pretendido na saúde: maior informação e maior promoção e reforço na autonomia dos utentes aquando da leitura de uma notícia sobre saúde.

Esta realidade permitirá uma melhor utilização dos serviços prestados no Serviço Nacional de Saúde (SNS), bem como a promoção de uma política de saúde baseada sobretudo na prevenção.

Na comunicação em saúde o protagonista deve ser sempre o utente e as fontes devem ser apenas mediadoras na difusão de maior esclarecimento/conhecimento da informação.

A comunicação em saúde deve ser muito mais do que apenas produzir notícias.

Como já dizia Bill Gates: “ Eu sou um grande crente de que qualquer ferramenta que melhore a comunicação tem efeitos profundos na forma como as pessoas aprendem umas com as outras, e como é que podem atingir o tipo de liberdades em que estão interessadas.”

**Catherine Pereira**

**Assessora de Imprensa do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro E.P.E**